

JORNAL DO POVO

BOLETIM DO DIRETÓRIO DISTRIAL DO MDB DA BELA VISTA

Miséria, doença, corrupção, poluição

BASTA: CHEGOU A HORA DO POVO IR PRA FRENTE!



Leia editorial na última página

**MARCO
AURELIO:
"SEM
ORGANIZAÇÃO
POPULAR,
VEREADOR
NÃO VALE
NADA!"**

PÁGINA 2

**Toda a
história
de Elizabeth,
a mulher-
coragem**

PÁGINA 3

**Buracos,
violência,
esgoto a
céu aberto:
a periferia
jogada
às traças**

PÁGINA 2

NO JARDIM LEONE O RAIOS-X DA PERIFERIA - BURACOS, SUJEIRA, VIOLENCIA: "SOMOS OU NÃO SOMOS CIDADÃOS? SOMOS SIM?"

— Quando chove, só dá pra sair com os pés na cabeça!

— Ônibus aqui parece céu! Todo mundo briga pra entrar!

— Barracos estão caindo no Córrego da Febre!

São conversas do povo de Jardim Leone, nos confins da Zona Leste, mas podia ter sido qualquer bairro longe do centro de São Paulo. Podia ter sido Parelheiros ou Vila Brasilândia Grajaú ou Vila Prudente. Tanto faz. Só com ironia mesmo dá pra dizer como é a vida na periferia:

— Nossa vida tá tudo normal. a gente come e dorme.

O Jardim Leone fica longe do asfalto que leva ao sub-distrito de Ermelindo Matarazzo, na Zona Leste. De jardim só tem o nome: não existe lá nem sombra de árvore ou grama. "É tudo cru", como dizem os moradores.

A menos de uma hora do centro, o fim do mundo. Centenas de casinhas de alvenaria, baixas, pequenas, feias, de construção recente.

Nas ruas de barro, enlameadas, uma desolação: quase ninguém. Nas cidezinhas do interior, nessa hora — domingo ao meio-dia — a gente pelo menos encontra crianças brincando e cachorros se lambendo. Mas talvez fosse por causa do frio. O único lugar que domingava era um boteco: na frente, quatro homens jogavam dominó, em volta de uma mesinha de madeira, sentados em engradados de Coca-Cola. Alguém deu um murro na mesa e gritou:

— Fe-cha-do!

Quando a reportagem chega, é recebida com cordialidade. Ninguém se recusa a falar.

José Soares de Oliveira, sobre a situação do povo dali, diz com ironia:

— "Tudo normal, aqui está tudo normal. Eu como e durmo. Levanto às quatro, quatro e pouco; saio torcendo para um ladrão não me pegar; disputo uma vaga no ônibus..."

— "Ônibus aqui parece céu", atalha outro jogador de dominó, Antônio Silva Santos. "Todo mundo briga pra entrar neles".

— "...dou duro o dia todo e volto pra casa nove, nove e meia, louco pra comer e cair na cama", prossegue José Soares.

— "Escola tem três aqui por perto, mas pergunte se tem vaga", emendou Valter Santana dos Santos.

— "Quando chove, só dá pra sair com o pé na cabeça" — toma a palavra Antônio Silva.

— "Tudo normal, amigo. É vida de pobre", volta a falar José. "Tirando enchente, que graças a Deus não temos aqui, você pode colocar o que você quiser. Olha, o nosso divertimento é esse aqui, dominó domingo de manhã. E segunda, tudo de novo: tantan-tan".

— "Ou então futebol num desses arranca dedo, num

desses buracos aí que o pessoal faz de campo", completa Antônio.

— "Ladrão é que não falta. Ladrão fuleira, porque ladrão bom não vem pra cá, né?"

— "E esgoto, tem esgoto aqui?"

— "Você está brincando. É tudo fossa, poço. Nessas coisas a gente nem pensa, porque nunca vem. Quem tem seu filhinho, se livra do veneno".

— "Como foi que surgiu o Jardim Leone, Valter?"

— "Antes era uma fazenda. Por volta de 1965, o dono, Dr. Otávio Ramos, loteou. O pessoal comprou os lotes, construiu sozinho ou com os amigos. Pra completar a minha, sei lá quanto tempo levei, anos. Fazia nos fins de semana, às vezes os amigos vinham, eu dava pinga, um negócio pra engulir. Agora ela está aí em pé".

— "Quantas pessoas moram no jardim?"

— "Não sei. Bota gente aí".

José Soares, um tipo rosado, operador da Ford de São Bernardo, é casado e tem dois filhos. Aos 26 anos, tem cara de 35. É baiano, como dois outros jogadores da mesa, igualmente jovens e envelhecidos precocemente: Valter Santana dos Santos, montador de móveis, um mulato barbudo, bonito, casado, um filho; e Antônio Silva Santos, 29 anos, filador numa fábrica de tintas sujeito miúdo, casado, um filho, o mais velho da mesa, mas parece o mais novo. O único paulista do grupo é Antônio Mira, 26 anos, operador de empilhadeira: caladão, não disse palavra durante o papo.

Ja vamos saindo, quando ouvimos um "Ei! antes de entrar no carro. Leonídio Contre, 46 anos, ex-funcionário da Good-Year, aposentado pelo INPS — o representante dos moradores —, queria dar seu palpite também:

Leonídio mostrou-se interessado em nos levar para ver "o maior problema do Jardim Leone", a uns 200 metros.

— "É um descalabro!"
Era um córrego; hoje é um buraco imenso. Assim de olho, dá uns cinco metros de altura por 21 de largura. "É o córrego da

febre", disse um dos moradores. Se tudo saísse como nos planos, a Prefeitura iria sanear e canalizar o córrego e por cima dele passaria a avenida Dr. Otávio Ramos, em homenagem ao "loteador" do Jardim Leone. Mas, até que isso aconteça, a casa de Leonídio e de dezenas de moradores estará no fundo do córrego, que já fez deslizar alguns barracos da favela no outro lado da margem, só não dando em vítimas "por milagre". Faltam só quatro metros para a erosão chegar na casa de Leonídio. Ele não sai da administração da Ponte Rasa pedindo providências.

— "E sabe o que o administrador Otaviani responde? 'Por que vocês mesmo não aterram?' Tem cabimento isso? Você está vendo: só se a gente fosse buscar toda a terra da praia de Santos. Mas na hora de cobrar imposto eles sabem.

A minha conta de luz chega, e antes de vencer eu já estou lá pagando. E nem cascalho eles colocam nas nossas ruas. Somos ou não como cidadãos?"

Valter, um dos jogadores de dominó, mora numa casa de um cômodo só, que abriga ele, a mulher, o filho e dois jovens parentes que, como Valter, vieram tentar a sorte na capital paulista.

— Fomos reclamar dos assaltos na administração. E a polícia começou a aparecer. Agora não tem mais sossego. Em vez de policial de madrugada, a gente está jogando aqui no domingo, e lá vem eles: 'Mostra os documentos!' Eu digo que estou sem, que a minha casa fica logo ali, que eu vou buscar — mostro a mão — sou trabalhador. Eles dizem: 'Que nada! Tem bandido aí lixando a mão pra bancar trabalhador'".

As mãos de Valter são um calo só.



QUEM PRECISAR DE TREM, QUE SE VIRE!

"Patrão, o trem atrasou, Por isso estou chegando agora. Trago aqui um memorando da Central:

o trem atrasou meia hora! O senhor não tem razão de me mandar embora..."

Todo brasileiro adulto conhece estes versos da música popular. São versos de mais de trinta anos atrás, o que mostra que o trem para transportar o trabalhador está mesmo muito atrasado. Hoje em dia, qual é a situação? A mesma de sempre. Transportando 900 mil passageiros por dia, quase o dobro do metrô, o trem poderia prestar um grande serviço à população suburbana, se não estivesse em situação calamitosa.

Para começar, os pingentes. Cerca de 700 pessoas são transportadas comumente em composições que não comportam mais que 300. Os atrasos são constantes. E algumas firmas

chegam a recusar emprego a trabalhadores que dependem do trem, como os que moram em Mauá e Ribeirão Pires. E a política governamental com relação aos trens?

O que se vê é que no Brasil, o trem é o filho enjeitado do Ministério dos Transportes. Recebeu apenas 13 por cento das verbas daquele Ministério, na última administração; e ainda dividiu aquelas verbas com o setor portuário. Enquanto isso, 87 por cento das verbas ficaram para as rodovias. E em São Paulo, 30 por cento do orçamento do município vai para as chamadas "vias públicas": para servir aqueles que têm automóvel. Quem precisa do trem, que se vire!



Marco Aurélio: "o vereador precisa da ajuda do povo"

Marco Aurélio Ribeiro nasceu em Cássia dos Coqueiros, Alta Mogiana, há 31 anos, de uma família da classe média: o pai era um pequeno agricultor.

Marco Aurélio já trabalhou como auxiliar de escritório, contador e hoje é advogado. É um dos orientadores do Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, que presta assistência judiciária gratuita às pessoas pobres, em qualquer tipo de problema. Por isso defende mais de 200 famílias do Jardim Campo de Fora, 400 famílias do Parque Novo Lar, moradores da Favela de Vila Prudente e outras famílias atingidas pelo problema de loteamentos clandestinos, principalmente. Além de acompanhar o andamento de mais de 2 mil processos, ao lado de outros 6 advogados e 70 estagiários de Direito, alunos da Faculdade.

É casado e tem duas filhas, uma de 4 meses e outra de 3 anos. Sua mulher é também advogada. Moram em Santana.

Nessa entrevista, Marco Aurélio expõe algumas de suas idéias:

É a primeira vez que você se candidata a um cargo público?

— Fui presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto em 1968, na Faculdade de Direito.

Por que você resolveu se candidatar a vereador?

— Não resolvi por vontade própria. Desde 1974 há um grupo que assessora o deputado federal Aírton Soares e que constitui o Diretório Distrital da Bela Vista. Esse grupo decidiu que deveria lançar um candidato a vereador. Ninguém queria ser candidato, mas alguém tinha que ser. Quem tinha condições de disputar uma eleição como essa, que exige grande contato com a comunidade, era eu. Fui obrigado a aceitar.

Você, se eleito, terá condições de resolver os problemas de que o povo fala neste jornal? Como vê a Câmara Municipal?

— O vereador, sozinho, não tem condições de solucionar estes problemas. Principalmente considerando que a Câmara Municipal, que é um órgão legislativo, se encontra quase que totalmente cerceada, pois o sistema político implantado no Brasil determina que todo poder de decisão seja centralizado no Executivo: prefeito, governador e presidente. Cada dia o poder de decisão é mais centralizado. Mesmo os prefeitos e os governadores cada dia decidem menos. Em última instância, quem decide é o presidente da República, assessorado pelo Conselho de Segurança Nacional.

Por que então você é candidato?

— Embora o vereador e a Câmara não tenham poder de decisão, um e outro podem ajudar a resolver os problemas se o vereador for o intermediário entre o povo e as autoridades. É importante que o vereador não fale por si, e sim em nome de um grupo. Por isso o povo deve se organizar pra servir de respaldo ao trabalho do vereador e através dessa organização pressionar o próprio vereador, a Câmara Municipal e o prefeito.

ELIZABETH NÃO DORME DE TOUCA:

"SE O PATRÃO PAGA 30 DIAS, TRABALHO SÓ 30 DIAS, NEM UM DIA A MAIS!"

VOCÊ SABIA...

... que o Governo do Estado vai começar a construir — antes de novembro — mais 360 escolas de 1º grau, sendo 100 delas na capital?

... que alguns "políticos" já começaram a aparecer nos bairros de São Paulo, apresentando-se como patronos das novas escolas?

... que estas escolas, no entanto, estão chegando com atraso a lugares onde o que existia, na melhor das hipóteses, eram salas de aula improvisadas em precários barracões?

... que a escola é pública, e a população tem o direito de utilizá-la como lugar melhor?

... que a escola pode portanto ser um meio de aproximação da comunidade, para a realização de festas, comemorações cívicas, cursos, assembleias, competições esportivas, sessões de cinema e teatro?

PULGAS E BARATAS ATACAM NOS ONIBUS DE SÃO PAULO

Quem não sabe como andam os transportes coletivos? O povo sabe. O trabalhador que mora nos bairros mais afastados é quem mais sofre: anda em ônibus com portas quebradas, poltronas arrancadas, catracas defeituosas, lataria danificada, vidros faltando nas janelas, buracos no chão. Até ônibus com freios defeituosos e sem faróis sujos e cheios de pulgas e baratas, podem ser encontrados nas linhas que servem os bairros trabalhadores! São veículos pertencentes a empresas lucrativas, que nunca transportam menos de 50 mil pessoas por dia, e que no entanto exploram o usuário pelo descaso com que oferece seus serviços; horários irregulares, ônibus insuficientes, fazendo com que muitos trabalhadores percam o dia de trabalho, e explorem seus próprios funcionários,

Seis anos atrás, Elisabete ficou grávida de um homem que sumiu, quando soube. Ela caiu na bebedeira. Nem sabe como a filha nasceu direito, depois de tanta cachaça. Nesse tempo ela trabalhava de cozinheira num bar. Ficou amiga de um mendigo e com ele bebia até de manhã, sentada no meio-fio. O mendigo dizia pra ela:

— Eu não nasci mendigo, não.

Ele tinha sido preso por causa de um roubo que não fez, e quando saiu da cadeia, não arranjava trabalho porque era ex-presidiário. Aí virou mendigo. Uma noite de chuva, os dois estavam bebendo sentados na calçada quando a polícia chegou.

— Vamos entrando — o policial falou.

— Peraí, moço! Pra onde o senhor vai me levar?

Por sorte o policial respondeu:

— Vai pro albergue, dormir no colchão. Lá não chove.

O mendigo pensou um pouco, e falou:

— E amanhã, moço? Pra onde eu vou?

— Vai pra rua, de novo. — Então prefiro ficar aqui. Não me leva não.

O mendigo chamava Zé. De um dia pra outro, sumiu.

Aí Elisabete conheceu o Jorge. Ele é um cara forte e persistente. Faz 8 anos está construindo sua casa, sozinho, nos fins-de-semana, comprando material de pouco em pouco. Bolou sozinho o jeito que a casa ia ser, fez fundações, foi pondo os tijolos, o assoalho e até os azulejos do banheiro, amarelos. Ficou uma beleza. Hoje ainda falta pintar as paredes e pronto. Com 3 cômodos, banheiro, cozinha, portão, tudo direitinho. Enquanto a casa não fica pronta, ele mora no quartinho que veio junto com o terreno. É onde passa os fins-de-semana com Elisabete.

Na quarta-feira, ele visita Elisabete na casa dela, pois, ela, além de trabalhar no hospital de atendente, também trabalha de empregada doméstica na casa de um professor. E dá conta. Também, levanta 5 da manhã que é pra bater o cartão no hospital às 6h50, fica lá até as 2 e depois faz comida, lava roupa, passa, limpa a casa, faz compras para o professor. Ainda bem que ele ajuda um pouco, pelo menos nas compras. Oito-nove horas Elisabete já tá dormindo.

"Dia 31 eu não trabalho"

Mas ela não dorme de touca. É ligada que só vende. Também, se não ficar de olho tá perdida. O dono do hospital, por exemplo, só paga 30 dias às 200 atendentes; no mês de 31 dias, elas trabalham um dia de graça! Elisabete percebeu isso e reclamou:

— Dia 31 eu não trabalho!

Na primeira vez que fez isso, colocaram falta no seu cartão. Aí ela pegou o cartão e escreveu: "faltei porque esse dia não se paga". O dono ficou bravo, mas não disse nada porque Elisabete é uma das melhores atendentes do hospital muito eficiente. Tanto que foi escolhida, com outra colega, para fazer dois cursos, de laboratorista e Raio-X. Mas não é por isso que ela fica quieta. Pelo contrário: põe a boca no trombone porque não tem condições de atender as crianças direito, porque o hospital obriga as moças a comer lá (não deixam trazer a comida de casa) descontando do salário, porque ganha pouco: mil cruzeiros por mês. Com descontos de INPS, etc., fica uns 900.

Outro dia, o dono do hospital, que é um médico jovem, chamou as atendentes para dizer que quem quisesse podia trabalhar 12 horas todo dia, em vez de 6, ganhando por isso 2 salários. Mas tinha um detalhe: ele teria que descontar do salário 2 INPS, devido à legislação. E também descontaria uma refeição a mais.

— Por que descontar 2 INPS —, Elisabete pensou. (Pensou mas não falou porque o homem não deu a palavra pra ninguém, só ele falou). Será que a gente se machucando de manhã vai pra um INPS e machucando de tarde vai pra outro? E POR QUE DESCONTA 2 INPS e paga só 1 salário-família?

Não é só por causa da malandragem que ela reclama. É também porque 12 horas de trabalho é muito.

— Meio-dia a gente já tá com a cabeça quente —, ela fala.

Imagina o que é cuidar de criança doente. É hora de dar remédio, hora da comida, é dar banho, atender os caprichos.

— Você tá dando comida pra mim depressa demais, tial — algumas crianças reclamam. Aí Elisabete gos-

ta; não gosta é de criança que aceita tudo, sem reclamar.

"Isso é veneno, Jorge!"

No hospital dela, há do que reclamar. Por exemplo: tem a ala das crianças que pagam e a ala do INPS. Para quem paga, tem remédio. Para os outros não tem. Esse negócio de remédio é um caso sério. Elisabete sabe muito bem que tem remédio que é veneno puro que médico receita pra criança. Aí ela não dá. Desobedece o médico e não dá.

— Os laboratórios enfiam esses remédios pra cima dos médicos e eles passam pra frente, é uma pouca vergonha — Elisabete fala.

Jorge parece mais sossegado que ela, mas é só porque fala menos. Ele é honesto demais. Trabalha de pedreiro mas não desvia um tijolo pra fazer sua casa. Elisabete diz pra ele:

— Que que tem pegar um tijolo pra você? Você só fica construindo casas pros outros?

Quantas casas já construiu nesses 8 anos em que ainda não conseguiu terminar sua casa? Ele não sabe. Diz que, no total, a casa vai sair pra ele por 50 mil, mas se ele tivesse terminado antes, teria saído por uns 15 mil! Por essas e outras, Jorge tem mil problemas de doença, inclusive nervoso, que às vezes dá uma insônia que não consegue dormir. Tem também dores na espinha e na perna direita. A sorte é que não fuma nem bebe. Por causa da insônia toma calmante todo dia. Toda vez que vê, Elisabete lembra ele:

— Isso é veneno, Jorge.

Jorge não liga.

— É a situação que te deixa assim, Jorge.

Ele pega o jornal, liga o rádio. Quer saber as notícias. Tá por dentro de tudo. Fala uns troços incríveis. Por exemplo:

— Não voto na Arena porque é o partido da elite.

Elisabete não opina sobre eleições. Só acha que o povo está sendo explorado porque quer:

— Vê só: o diretor do hospital propôs 12 horas de trabalho e muitas colegas minhas aceitaram. Querem sofrer porque gostam! Sabe que mais o diretor falou: que ia dar 3 dias de folga, mas ia pagar só 27 dias. Então que folga é essa? Será que elas não percebem não. É a ignorância.

Ela já fez supletivo ginasial, vai começar o colegial no ano que vem e junto vai fazer curso de ajudante de enfermagem. Enquanto isso, vai trabalhar num hospital mais decente e se preparar para a Faculdade de Enfermagem, que é até onde pensar subir.

— Mas não vou subir pra ficar por cima. Não interessa. Acho que o trabalho mais importante do hospital é o da faxineira! Quero subir porque lá de cima dá pra controlar esses médicos filhos da mãe, dá pra ter mais voz.



Elizabeth, a mulher-coragem

LEI COM DUAS CARAS: TÁ CERTO?

1 — A Face Rica

Autoridades preocupadas com compradores de eletrodomésticos, máquinas, automóveis, que não podiam pagar suas prestações em dia, elaboraram rapidamente a lei sobre "alienação fiduciária". Esta lei veio proteger os ricos, é claro; através dela, quem compra um bem e depois não pode pagar, tem que devolver e ainda perde as prestações que já pagou. E se não devolver, pode até ter a sua prisão decretada em questão de dias; basta o banco que financiou o automóvel, ou o eletrodoméstico, etc., mover uma "ação de depósito" contra o comprador.

Esse tipo de lei, muito eficiente e muito interessante para os bancos e financeiras, é aprovada com grande rapidez, a toque de caixa.

2 — A Face Pobre

Agora, qual é a lei que proteja, por exemplo, os trabalhadores lesados pelos loteamentos fajutos? Esta lei continua sendo sempre "estudada", mas nunca sai.

Os casos continuam acontecendo, no entanto. Em Campo Limpo, uma empresa vendeu lotes para 5 mil famílias de trabalhadores. Depois que todos haviam pago a maior parte das prestações, depois que todos já tinham suas casas prontas ou quase prontas, trabalhando com sacrifício e perdendo dias e dias de descanso, apareceram os "donos". Entraram com ação na Justiça, e a lei ficou a favor deles, claro; os "donos" ganharam as terras que 5 mil famílias já haviam transformado num bairro, e de nada valeu

mostrar os papéis de impostos, os recibos.

Nessa hora, o povo de Campo Limpo tem uma boa pergunta pra fazer: QUAL É O MAIS JUSTO; ATENDER AO INTERESSE DE MIL FAMÍLIAS; OU AO INTERESSE DA RICA PROPRIETÁRIA DO TERRENO? E mais: a dona das terras nunca percebeu que, durante anos, uma empresa estava fazendo um dos maiores loteamentos de São Paulo em sua propriedade? Só descobriu isso depois que o povo de Campo Limpo construiu suas casas e já havia pago tantas prestações? E, em último caso, o Governo não deveria intervir protegendo de alguma forma o interesse social, pelo menos punindo penalmente os responsáveis?

Nada disso. Os exemplos estão aí, e a injustiça não atacou apenas em Campo Limpo. Os jornais noticiaram: em Sapopemba, a Construtora Lar Nacional loteou uma área e construiu cerca de 400 casas, durante anos. Depois que os compradores começaram a chegar, apareceu outra imobiliária, e um grileiro. Tanta uma como outro alegavam que eram os donos do terreno. A pendência gerou diversos processos judiciais e mesmo criminais, porque o grileiro insiste em expulsar os moradores pela força.

CONCLUSÃO. Quem lesa milhares de trabalhadores, vendendo terras indevidamente, sai impune e mais rico; quem compra uma geladeira, um automóvel, etc., e num momento de dificuldade precisa vender o que comprou, pode acabar na cadeia. Devia ser outro o papel da lei.

ATENÇÃO PARA A PROPOSTA:

Todos sabemos que o povo não tem o direito de escolher os prefeitos de muitas cidades, inclusive de todas as capitais. Eles são simplesmente nomeados pelos governadores. Esta é mais uma das muitas restrições à livre escolha dos governantes pelo povo.

Mas, de qualquer modo, vamos ter eleições para vereador. E o Diretório da Bela Vista do MDB lançou um candidato à Câmara Municipal de São Paulo. Ele já está divulgando um projeto de carta-programa de sua campanha. E neste boletim, nosso desejo é debater os problemas do povo, que são os problemas de São Paulo e do Brasil. Acreditamos que quanto mais amplo e profundo seja o debate, mais conscientemente o povo votará, e mais estas eleições contribuirão para fortalecer a nossa marcha para que no Brasil vigore um regime autenticamente democrático.

O POVO VIVE MESMO MAL?

A população de São Paulo sabe. É a dona de casa que vai à feira e encontra tudo cada dia mais caro; o trabalhador ou trabalhadora que recebe seu salário cada dia mais minguado; o passageiro que anda como sardinha em lata nos ônibus; o trabalhador que enfrenta fila para ser atendido pelo INPS; o estudante que sofre a ameaça do 477; o artista e o jornalista que vê o fruto de seu trabalho dilacerado pela tesoura da censura; os que habitam cortiços e nem podem pensar em comprar casa pelo BNH, pra não ficar devendo o resto da vida prestações que são quase igualmente aos seus salários.

SÃO PAULO NÃO É UMA ILHA

O pior é que isto não acontece só em São Paulo. E que São Paulo ainda não vive a pior situação. Que o diga o nordestino que mudou praqui, depois de anos no maior abandono, no cabo da enxada, sofrendo com as secas. Que o diga o mineiro, o goiano, o paraense, o maranhense, e muitos outros milhares de brasileiros que trabalham hoje em São Paulo, depois de deixar suas terras, por não aguentar mais tantas dificuldades, as ameaças e invasões de grileiros inescrupulosos, que negociam com a terra tomada à força do trabalhador.

São Paulo não é uma ilha. Se vem gente de todo o Brasil para São Paulo, é porque o resto do Brasil está ainda pior! É por isso que se diz que o Brasil está em crise. Mas a crise não atinge a todos. Ainda há uns poucos que vivem bem. São principalmente os magnatas das empresas estrangeiras e até mesmo brasileiros e os grandes donos de terras do interior. Enquanto o povo trabalhar e viver a situação que vive, esses magnatas vão sempre poder angariar muitos lucros.

ONDE ESTÁ A CHAVE DA PORTA?

Não é por acaso que o povo quer mudar e votar contra o governo, votando no MDB. Não é por acaso que se agiganta hoje por todo o Brasil um grande sentimento e um grande desejo de liberdade. É porque todo mundo tá sabendo que sem liberdade os problemas do Brasil não podem ser resolvidos. Problemas que atingem mais de 100 milhões de pessoas, um País inteiro, não podem ser resolvidos por um punhado de homens, mesmo que estejam no governo e por mais poderosos que sejam.

O problema do Brasil e dos brasileiros só podem ser resolvidos pelos próprios brasileiros!

Só por meio do debate livre é que os problemas podem ser devidamente localizados, analisados e solucionados. E é lógico que para haver debates, é preciso haver liberdade. Tá aí a chave da porta, o caminho, a saída. Sem liberdade para o povo, não pode haver nem verdadeiro progresso nem verdadeira felicidade, nem verdadeira independência do Brasil!

POR QUE UNIÃO?

Hoje se fala muito – nos jornais, no Congresso e nas Assembléias em união.

Muito bem, somos a favor, isso é que é idéia da

boa! Todo mundo sabe que a união faz a força. E o Brasil precisa também ser forte para ser livre. Precisamos da união de todos os autênticos brasileiros, aqueles que amam o Brasil e querem o bem estar de todos nós. A união pressupõe a organização livre do povo. Precisamos nos unir e lutar:

– Contra o arrocho salarial, contra o aumento do custo de vida e por maior segurança no trabalho;

– Por melhores condições de educação, saúde, ensino, moradia e transporte para o povo;

– Pela revogação do Ato Inconstitucional nº 5, para que, por exemplo, o mandato dos candidatos que a gente elege seja respeitado, e o Presidente da República não possa mais cassar esse mandato, além de poder fechar o Congresso, cassar juizes e outras coisas mais;

– Pela revogação do Decreto 477, para que os estudantes, professores e funcionários das Universidades e escolas possam estudar e trabalhar livres da ameaça de expulsão devido a qualquer protesto, sem nenhum direito de defesa;

– Pela supressão da censura à imprensa, ao teatro, cinema, etc. Pela revogação da chamada lei Falcão, que proíbe os candidatos de usar o rádio e a televisão na campanha eleitoral;

– Pelo direito do povo, de escolher, em eleições livres, os seus governantes, o Presidente da República, os governadores, prefeitos e vereadores. Para que acabe essa história de o povo só poder eleger vereador, alguns prefeitos, deputados e senadores, e por cima com mil restrições. Por conta desse absurdo é que hoje até já se fala que as eleições pra governador

em 78 – previstas pra serem diretas – podem continuar sendo "indiretas". É que, como o Governo teme perder os governos de alguns Estados, está logo pensando em evitar essa derrota. E esse tipo de ameaça só acaba quando as eleições todas forem livres e diretas, inclusive para Presidente da República;

– Pela anistia ampla e irrestrita para todos os presos e perseguidos políticos desde 1964. Entre eles estão milhares de jovens, um sem número de representantes do povo, inclusive dois ex-presidentes, sem falar do recém-falecido JK. É um absurdo que todos esses compatriotas continuem marginalizados da vida política, quando a Nação em crise tanto deles necessita. A morte de JK comoveu o País de sul a norte e veio evidenciar o tamanho das injustiças cometidas e que o povo não as aceita e clama por anistia;

– Pela defesa intransigente dos direitos humanos, hoje tão amesquinçados;

– Pelo fortalecimento das entidades sindicais que aspirem os legítimos direitos dos trabalhadores.

– Pelo fortalecimento das organizações de base da comunidade, livres e autênticas.

Este é o nosso pensamento. Vamos tentar divulgar nossas idéias mesmo depois das eleições, com outros números deste jornal que ora estamos lançando. Este é o pensamento do nosso diretório da Bela Vista, que indica MARCO AURELIO RIBEIRO para vereador à Câmara Municipal de São Paulo. É com estes propósitos que ele exercerá seu mandato. Um mandato popular. Vai ser um servidor e um instrumento e porta-voz da sua luta. A nossa!



JORNAL DO POVO

BOLETIM DO DIRETÓRIO DISTRITAL DO MDB DA BELA VISTA

Responsável: Diretório do M.D.B. - Belo Vista
Composto e impresso nas oficinas da Pat. Publ. e Assist. Técnica Ltda.
Fone: 853-7461